

O LOBO DA SERRA DA ESTRELA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

A. T. CÂNDIDO Y F. R. PETRUCCI-FONSECA

Grupo Lobo. Depto Zoologia e Antropologia, Bloco C2. Fac. Ciencias, Univ. Lisboa. 1749-016 Lisboa, Portugal.

RESUMO

A situação do Lobo Ibérico (*Canis lupus signatus* Cabrera, 1907) em Portugal, e em particular a sul do rio Douro, é cada vez mais alarmante. O resultado espelha-se numa população fortemente fragmentada, em que o futuro do núcleo considerado neste trabalho está longe de desejável do ponto de vista conservacionista. Estimaram-se as datas de desaparecimento do lobo da Serra da Estrela, por ser um dos locais de mais forte tradição lobeira em Portugal, e zonas circundantes. Para tal utilizaram-se dois métodos distintos: inquéritos orais e pesquisa bibliográfica. As datas sugeridas caem sobretudo no último quinquénio da década de 70 e no primeiro da de 80. Na região fronteiriça do distrito da Guarda existiam apenas duas alcateias, no período em que decorreu este estudo (Janeiro 96 a Maio 97), em FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO/ALMEIDA e SABUGAL. Uma outra alcateia, a de TRANCOSO, é das três a que melhor situação apresenta, havendo, inclusivamente, informações que sugerem a existência de reprodução em 96. O futuro das restantes unidades poderá depender desta, já que tudo indica estarem isoladas entre si e a população espanhola adjacente estar muito debilitada ou ser inexistente. Como factor de ameaça ao lobo na área de estudo conta-se, por exemplo, a presença de cães vadios. De acordo com o levantamento realizado, distribuem-se por 20,4% da área de estudo, coincidindo grande parte da sua área de distribuição com locais de presença de lobo. Também a perseguição directa, culminando no abate ilegal de animais, quer por utilização de armas de fogo quer de veneno, bem como a existência de vias rápidas com elevado fluxo de veículos, constituem importantes óbices à expansão, ou mesmo manutenção, da população de lobo na área em estudo.

Palavras-chave: Cães Errantes, Datas de Desaparecimento, Isolamento, Lobo Ibérico, Serra da Estrela

RESUMEN

El lobo en la Serra da Estrela: pasado, presente y futuro

La situación del Lobo Ibérico (*Canis lupus signatus* Cabrera, 1907) en Portugal y en el Sur del río Duero es cada vez más alarmante. El resultado de esta situación es una población fuertemente fragmentada, en la que el futuro del núcleo considerado en este trabajo está lejos del deseable desde el punto de vista de la conservación. Se estiman las fechas de desaparición del lobo de la Sierra de la Estrela, ya que es una de las localidades de más fuerte tradición lobeira en Portugal y áreas adyacentes. Para ello se han utilizado dos métodos distintos: encuestas orales y recopilación bibliográfica. Las fechas de desaparición se localizan sobre todo en el último quinquenio de la década de los 70 y en el primero de los 80. En el área fronteriza con España de la provincia de Guarda existían solamente dos grupos en el periodo en que se realizó este estudio -enero de 1996 a mayo de 1997-, en FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO/ALMEIDA y SABUGAL. Otro grupo, el de TRANCOSO, es de los tres el que mejor situación presenta, y tenemos, incluso, datos que indican la existencia de reproducción en 1996. El futuro de las otras unidades pudiera depender de ésta, por estar aisladas entre sí y porque la población española adyacente cuenta con escasos efectivos poblacionales o sea inexistente. Uno de los factores de amenaza del lobo, en la actualidad y en el pasado, en el área de estudio, es la presencia de los perros cimarrones. Según las informaciones recogidas, los perros se distribuyen por el 20,4% del área de estudio y gran parte de su área de distribución coincide con los lugares de presencia del lobo. También la persecución directa y las muertes ilegales de animales, por utilización de armas de fuego y veneno, así como la existencia de autopistas con gran flujo

de coches, constituyen importantes inconvenientes para la expansión, e incluso el mantenimiento, de la población del lobo en el área en estudio.

Palabras clave: aislamiento, Lobo Ibérico, perros vagabundos, Sierra de Estrela.

ABSTRACT

The wolf of Estrela Mountain: past, present and future

The Iberian Wolf (*Canis lupus signatus* Cabrera, 1907) situation in Portugal especially south of Douro River is becoming increasingly worrying. As a result we have a strongly fragmented population and the future of the nucleus we now study is far from desirable in a conservationist perspective. We have estimated disappearance dates of wolves from Estrela Mountain and surrounding areas for it is a traditional wolf occurrence area in Portugal. For that purpose we used two distinct methodologies: oral inquiries and bibliographical research. The disappearance dates thus achieved mainly refer to the last five years of the 70's and the first of the 80's. In the area close to the Spanish border of Guarda district only two packs existed between January 1996 and May 1997 at FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO/ALMEIDA and SABUGAL. Another pack, TRANCOSO, is in a better situation than the former since we have information suggesting the occurrence of reproduction in 1996. The future survival of the FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO/ALMEIDA and SABUGAL packs may depend on the TRANCOSO pack as they seem to be isolated from each other and the nearby Spanish population is very feeble or does not exist at all. One of the threats to wolves in the study area is the presence of free-ranging dogs. According to the information we gathered they occur in 20.4% of the study area, and a great part of its distribution area overlaps with wolf territories. Human persecution, ending with the illegal killing of wolves through the use of fire weapons or poison, as well as the presence of highways with high traffic rate also represent major barriers to the expansion or mere existence of a wolf population in the study area.

Key words: free-ranging dog, Iberian wolf, isolation, Serra da Estrela.

INTRODUÇÃO

Outrora com uma distribuição cosmopolita, o Lobo Cinzento (*Canis lupus* Linnaeus, 1758) ocupa actualmente uma área muito mais reduzida e, frequentemente, confinada a locais em que a pressão humana é pouco significativa. Nesta perspectiva, não é difícil compreender a delicadeza da situação deste carnívoro, em particular num país pequeno como Portugal em que o Homem ou os resultados visíveis da sua actividade são omnipresentes. A nível mundial o lobo está classificado como Espécie Vulnerável pela UICN, sendo esse o seu estatuto em Espanha, e como Espécie Em Perigo em Portugal (SNPRCN 1990).

Das 32 subespécies definidas para o lobo (Mech 1974 *in* Bessa-Gomes 1996) consta uma designada *signatus*, descrita por Angel Cabrera em 1907, ocupando ainda no início deste século toda a Península Ibérica (Petrucci-Fonseca 1990), e por isso recebendo a designação de Lobo Ibérico. Lamentavelmente, e como nos dão conta trabalhos recentes acerca do predador, a sua área de distribuição sofreu uma redução drástica. Em Portugal, no primeiro quinquénio da década de 90, e comparando-o com a década anterior, o declínio é mais acentuado no limite sul da distribuição, correspondendo a 20% a regressão total ocorrida a sul do rio Douro (Bessa-Gomes 1996).

As linhas ao longo das quais ocorreu a fragmentação, que está na base dessa regressão, parecem coincidir com regiões do país fortemente intervencionadas pelo Homem, com alguma frequência associadas a importantes vales fluviais. O rio Douro é um exemplo cabal, já que constitui um importante óbice ao fluxo de indivíduos e, como tal, compromete grandemente a viabilidade da população no sul do país (Petrucci-Fonseca et al. 1995, Petrucci-Fonseca et al. 1996). Esta população é constituída por dois núcleos, e são fortes as evidências de não haver movimentação de indivíduos entre eles nem comunicação com as populações espanhola e portuguesa a norte do mesmo rio (Bessa-Gomes 1996, Petrucci-Fonseca et al. 1996).

É, portanto, premente fazer uma resenha da evolução da situação deste carnívoro num local de passado marcadamente lobeiro como a Serra da Estrela. Na verdade, o desaparecimento do lobo nesta região é, efectivamente, muito recente e daí o interesse em destrinçar as causas desse desaparecimento para, noutros locais, evitar as suas consequências.

Este trabalho insere-se num projecto desenvolvido pelo Grupo Lobo, o Projecto Signatus.

ÁREA DE ESTUDO

Para a realização deste estudo seleccionou-se uma zona outrora muito frequentada pelo lobo e ainda hoje a ele associada, a Serra da Estrela. Como uma primeira abordagem à área, que permitiria determinar a zona em que o lobo ainda estaria presente, bem como estimar as datas de desaparecimento para os locais de onde estivesse ausente, procedeu-se a entrevistas orais. Do ponto de vista administrativo, todos os concelhos abrangidos pelo estudo -Almeida, Celorico da Beira, Figueira de Castelo Rodrigo, Gouveia, Guarda, Manteigas, Pinhel, Sabugal, Seia, Trancoso - pertencem ao distrito da Guarda, com excepção da Covilhã que se inclui no de Castelo Branco. Também em Espanha foram realizadas entrevistas nos mesmos moldes, tendo-se visitado uma faixa com cerca de 30Km para o interior da província de Salamanca, desde La Redonda a Navasfrias.

Com vista a confirmar as informações de presença de lobo obtidas nos inquéritos, um estudo mais aprofundado, de prospecção no campo, decorreu nos concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Trancoso e Sabugal.

Por abranger uma região tão vasta, a área de estudo (Figura 1) tem características muito diversas. Como característica geral, uma quase omnipresença do Homem, embora em densidades populacionais baixas (57,1 habitantes/km²), que se reflecte sobretudo numa vegetação grandemente alterada por actividades agrícolas ou pelo grassar frequente de incêndios e numa densidade de rede viária bastante elevada. O rio Côa a Ocidente, o Douro a Norte e o Águeda a Este, constituem os acidentes

geográficos dignos de menção por poderem de algum modo dificultar ou mesmo impedir a circulação do lobo. De importância ainda o Itinerário Principal número 5 (IP5), via rápida que atravessa o concelho de Almeida, criando uma barreira entre Figueira de Castelo Rodrigo e Sabugal (Figura 1). Em relação a presas silvestres de grande ou médio porte, para além do Javali (*Sus scrofa* Linnaeus 1758), não existe nenhuma outra, com excepção de uma pequena população de Corço (*Capreolus capreolus* Linnaeus 1758) que se tem vindo a deslocar lentamente do concelho de Almeida para Figueira de Castelo Rodrigo.

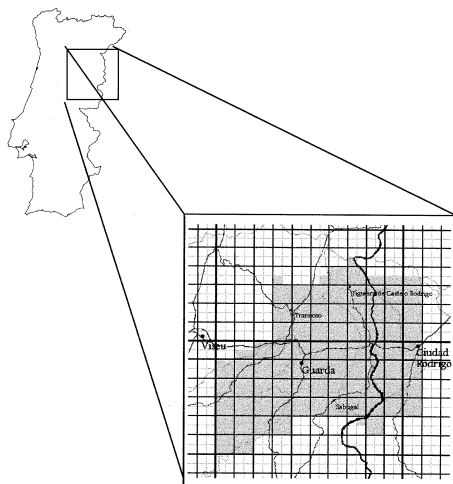


Figura 1. Área de estudo mostrando os principais rios (em cinzento) e estradas (em preto)

Área de estudio mostrando los principales ríos (en gris) y carreteras (en negro)

Study area showing the main rivers (in grey) and roads (in black)

METODOLOGIA

Foram efectuados inquéritos orais em todas as quadrículas 5x5km², determinadas com base nas quadrículas 10x10km² do sistema Universal Transverse Mercator (UTM) -num total de 312 quadrículas- que abrangiam, mesmo que parcialmente, concelhos incluídos na área de estudo (Figura 1). Em cada quadrícula visitou-se uma ou mais povoações, onde se entrevistaram pelo menos dois indivíduos. Assim o número total de inquéritos efectuados excede os 624. Optou-se sempre por inquéritos orais, e não escritos, assumindo a forma de uma conversa informal, de modo a torná-los o menos intimidativos possível, aumentando assim a probabilidade de sucesso na obtenção de informações relevantes. Várias questões relativas ao lobo foram colocadas, dando-se particular importância à data de desaparecimento deste canídeo da região. Procurou-se que o entrevistado estivesse o mais relacionado possível com o

lobo, como será o caso de pastores, mesmo tendo já abandonado a profissão, caçadores, antigos membros de Comissões Venatórias, guardas de zonas de caça, guardas florestais e outros funcionários afectos à Direcção Geral de Florestas. Foram colocadas questões relacionadas de várias maneiras com o predador, nomeadamente acerca de populações presa, regime de pastoreio, presença e actividade de cães errantes, existência de lixeiras e valas de despejo de carnes, etc. Investiu-se na obtenção de dados sobre cães errantes em virtude do impacto que uma população destes cães pode ter sobre uma população lupina fragilizada. Para além das informações resultantes dos inquéritos, foram visitadas algumas lixeiras e pocilgas para confirmação da presença de cães. As entrevistas decorreram entre Dezembro de 1995 e Maio de 1997.

Procedeu-se simultaneamente a uma pesquisa bibliográfica, nas Câmaras Municipais, de dados relativos ao pagamento de recompensas pecuniárias mediante a apresentação de prova do abate de lobos. Este método, à semelhança do que já sucedera com Petrucci-Fonseca (1990), teve resultados negativos, consequência da falta de organização e de estima de algumas gestões camarárias pelo património nacional. Com o mesmo propósito, consultaram-se alguns Livros de Actas bem como Livros de Receitas e Despesas Camarárias em vários concelhos da área de estudo. O período de tempo abrangido por este tipo de pesquisa situa-se entre o ano de 1834 e o ano de 1981.

Foi conseguida grande quantidade de informação mediante a consulta de jornais de carácter regional, cobrindo o período de 1978 a 1989, que não se sobrepunham aos pesquisados no trabalho de Petrucci-Fonseca (1990) por forma aos dados obtidos serem complementares aos apresentados por este autor. Foram encontradas 214 menções ao lobo, 175 das quais correspondiam a notícias de observações ou prejuízos por ele provocados.

Entre Janeiro de 1996 e Maio de 1997, efectuaram-se visitas mensais com uma duração de dois dias para cada um dos locais seleccionados -Trancoso, Figueira de Castelo Rodrigo e Sabugal. Para a delineação dos percursos a efectuar para procura de indícios de presença, analisámos os dados relativos às observações efectuadas por outrém e também as informações obtidas nas vistorias, num total de 30, realizadas por guardas do Parque Natural da Serra da Estrela, que acompanhámos sempre que foi possível. Realizou-se uma farolada, deslocação nocturna em veículo todo-o-terreno utilizando um farol, por saída. Outra das técnicas de censo utilizadas foi “wolf howling” -uivos simulados. Sempre que as condições atmosféricas o permitiram, uma pessoa efectuou sequências de três uivos, intervalados de cerca de 1 minuto (Fuller e Sampson 1988), que se repetiram aproximadamente em cada 2Km. Considerou-se como quadrícula de ocorrência

do lobo na área de estudo, confirmada ou não, aquela para a qual existiam informações fidedignas localizadas na década de 90.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As datas sugeridas para o desaparecimento do lobo de quadrículas que abrangem, mesmo que parcialmente, concelhos incluídos no Parque Natural da Serra da Estrela, distribuem-se maioritariamente pelo último quinquénio da década de 70 e pelo primeiro da de 80 -53% do total de quadrículas-, correspondendo somente 11% a datas de desaparecimento situadas nas décadas de 50 e 60 (Figura 2). A regressão iniciada na década de 40, e com uma taxa particularmente elevada nos anos 60 (Petrucci-Fonseca 1990), foi confinando o lobo a uma área extremamente reduzida da qual fazia parte uma faixa ao longo da fronteira com Espanha, englobando a Serra da Estrela e a da Gardunha (Lyle 1988, Petrucci-Fonseca 1990), sendo que a população lupina se manteve, em 47% das quadrículas, até à década de 80.

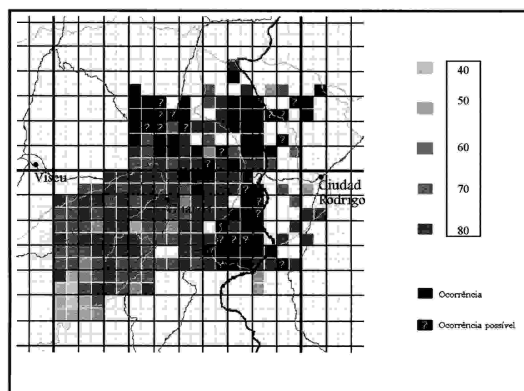


Figura 2. Datas de desaparecimento do lobo (por décadas) e área de ocorrência, por quadrículas 5x5 km - divisão com base na rede decaquilométrica UTM

Fechas de desaparición del lobo (por décadas) y área de distribución por cuadrículas 5x5 km, división base en cuadrículas UTM de 10x10 km

Wolf disappearing dates -by decades- and occurrence area, in 5x5 km squares -division based on the UTM 10x10 km grid

Análise das causas prováveis de desaparecimento do lobo

Acerca da Serra da Estrela é possível encontrar inúmeros escritos antigos descrevendo as incríveis movimentações de milhares de cabeças de gado que chegavam a ir tão longe como Idanha-a-Nova e Alentejo (Amaral 1970, Augusto 1987), e apontando-a como o local de eleição dos lobos. No entanto, a vida dura

dos pastores serranos levou-os a procurar meios de subsistência alternativos, abandonando, muitas vezes com alguma saudade, os rebanhos e os parques bens que então possuíam por estabilidade e conforto. A drástica redução no efectivo pecuário, que no concelho de Manteigas, por exemplo, foi de 10.073 para 4.180 cabeças nos anos de 1904 a 1956, poderá ter sido uma das principais causas da diminuição da população de lobo na Serra.

Uma das causas que pensamos que poderá ter suavizado a regressão da população de lobo terá sido a aparente expansão que sofreu em Espanha por altura da Guerra Civil, em 1937, como consequência da proibição do uso de armas de fogo (Freitas-Cruz 1945, Flower 1971, Valverde 1971, Barcena 1979 in Petrucci-Fonseca 1990). A região em que este trabalho decorreu é, como foi referido, uma área fronteiriça, sendo muito provável que a expansão da população lupina espanhola se tenha sentido também em Portugal como defende Grande del Brío (1984 in Petrucci-Fonseca 1990).

As quadrículas em que o desaparecimento do lobo é mais recente -*i. e.*, nos quinquénios 1980-84 e 1985-89- correspondem na sua maioria a áreas adjacentes daquelas em que ainda hoje o predador está presente. Contudo, numa área considerável, afastada dos núcleos actuais, o Planalto Central da Serra da Estrela, a inacessibilidade pôde garantir tranquilidade suficiente para que o lobo se mantivesse, quando o seu retrocesso ocorria já nas faldas da Serra. Este facto reflecte bem a importância da perturbação humana, nas suas muitas formas, na área de estudo.

Um considerável número de informações situam um lobo em zonas relativamente próximas na região central da Serra da Estrela. As observações, localizadas em três quadrículas adjacentes, foram efectuadas entre o final de 1994 e o início de 1995, por indivíduos distintos, desconhecendo os contactos visuais realizados pelos outros. Alguns dos informadores merecem confiança suficiente para que possamos colocar a hipótese de o animal observado ser um juvenil dispersante.

Localização das unidades familiares

Tal como estudos recentes indicavam (Bessa-Gomes 1996, Petrucci-Fonseca et al. 1996), também os elementos agora recolhidos sugerem a existência de três grupos familiares relativamente isolados entre si: Trancoso, Figueira de Castelo Rodrigo-Almeida e Sabugal (Figura 2). Esta constatação vem actualizar a informação disponível até ao momento: num trabalho anterior (Petrucci-Fonseca et al. 1995) consideravam como uno o núcleo Penedono/Malcata.

Trancoso terá uma situação ainda bastante favorável, podendo ser considerado como o mais importante dos três grupos, já que tudo indica estar em contacto com as unidades familiares de um outro núcleo, a ocidente da área de estudo, que incorpora as

serras da Freita, Arada, Montemuro, Leomil e Lapa (Petrucci-Fonseca et al. 1996). Não houve possibilidade de confirmar a ocorrência de reprodução nessa zona, embora hajam várias referências de informadores creíveis a juvenis avistados em 1995 e 1996.

Em Figueira de Castelo Rodrigo-Almeida a presença do lobo faz-se sentir de uma forma muito discreta, pois em 1995 foi alvo de perseguição mais intensa do que em anos anteriores. Em batidas organizadas com o propósito de eliminar a causa de prejuízos nos rebanhos, foram mortos a tiro, em Fevereiro de 1995, no espaço de poucos dias, dois lobos, uma fêmea adulta e um juvenil. Há ainda suspeitas do abate de um terceiro animal (Diamantino e Pinto, com. pess). Também no mesmo ano, foi possível recolher informações sobre acções de envenenamento na região. A inexistência de reprodução na alcateia de Figueira de Castelo Rodrigo no ano transacto, segundo tudo parece indicar, poderá ser consequência da pressão que se fez sentir sobre os animais no ano de 1995 (Moreira 1992, Álvares 1996).

O grupo familiar do Sabugal deverá apresentar uma situação ainda mais sensível do que os anteriores, apesar do elevado valor que lhe foi atribuído na classificação dos níveis de ocorrência de lobo efectuada por Bessa-Gomes (1996), que sugere a existência de um grupo relativamente viável. A perseguição que o homem aí move ao lobo é bastante mais feroz e impiedosa. As informações mais recentes -década de 90- não referem a existência de criação, sendo inúmeras as que se reportam à morte de lobos adultos -sete indivíduos desde 1992-93.

Tal como dizem Magalhães (1975) e Petrucci-Fonseca (1990), é quase certo que este número seja superior, uma vez que as populações tendem a ocultar estas mortes, por ilegais. É Valverde (1971 in Petrucci-Fonseca 1990) quem diz que um dos factores que indicam o desaparecimento dos lobos de uma determinada área são as últimas informações de reprodução nessa área, correspondendo capturas posteriores de animais ao extermínio completo dessa população. Aparentemente a situação na unidade familiar designada por Sabugal parece ser esta pois tem sido identificado o abate continuado de lobos, embora cada vez mais esporádico, o que se reflecte numa diminuição de informações tanto de animais abatidos, como de observações directas ou de prejuízos.

Ocorrência dos cães errantes

Em 64 (20.4%) das 313 quadrículas em que se divide a área de estudo foi indicada a presença de cães errantes. Dessas, 89.1% correspondem a quadrículas em que houve menção a ataques efectuados a animais domésticos; em 18.8% dessa área (12 quadrículas) os ataques ou foram presenciados, ou foram avistados os animais evadindo-se do local ou consumindo as presas. Nas restantes 70.3% apenas há suspeitas de que os cães tenham sido os responsáveis por se

terem observado nas imediações das ocorrências. Em três casos -4.7% das quadrículas em que ocorrem cães- foi-nos referido ter havido ameaça à integridade de seres humanos.

Foi possível confirmar a presença de cães errantes em lixeiras municipais dos concelhos de Trancoso, Almeida, Pinhel e Guarda. Nas lixeiras da Covilhã e do Sabugal, bem como em valas de pocilgas de Almeida e Trancoso, não foi confirmada por nós essa presença havendo, contudo, testemunhos que levam a admitir a hipótese da existência de cães errantes nesta região.

Embora seja aceite que geralmente os cães não ocupam territórios de lobos, ou pelo menos não perdem neles, na área estudada há alguma sobreposição da presença dos dois canídeos (Figura 3). Essa constatação só vem fundamentar a posição que defendemos de estarem as alcateias da área em estudo num limiar entre a sobrevivência e a extinção, pois que numa população saudável de lobo os cães são suas presas frequentes, não sendo possível a fixação de uma população do canídeo doméstico (Petrucci-Fonseca 1990, Cuesta et al. 1990, Moreira 1992, Álvares 1995, Mech 1994, Fritts e Paul 1989 in Ribeiro 1996).

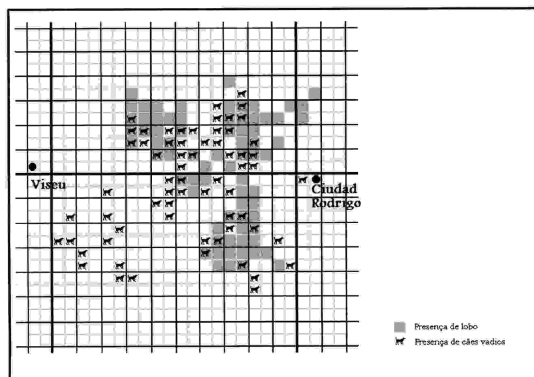


Figura 3. Área de ocorrência de cães errantes comparada com a área de distribuição do lobo na região em estudo

Área de distribución de los perros cimarrones comparada con la del lobo en el área de estudio

Free-ranging dogs occurrence area compared with the wolf distribution area in the study area

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até ao momento não foram registados ataques de lobos saudáveis a seres humanos em Portugal (Flower 1971, Magalhães 1975, Petrucci-Fonseca 1990), não se tendo encontrado durante a realização deste trabalho menções a tal ocorrência. Na verdade, foram detectadas apenas duas referências a investidas contra humanos, retratando ambas situações envolvendo animais com raiva.

Em Livros de Óbitos, cujas referências à causa de morte são tão variadas como “assassinado cruelmente na orla do caminho, morto debaixo de um carro, cólera morbus, tísica, afogado”, não há, contudo, nenhuma que leve a suspeitar ter sido provocada por lobos.

As informações recolhidas a partir de publicações periódicas estão afectadas de um erro muito grande, razão porque os resultados assim obtidos foram desprezados, sendo muito mais expedita e fiável a realização de inquéritos. Embora de grande subjectividade, já que dependem da qualidade do informador e da capacidade de interpretação do investigador, no contexto em que os aplicámos geram resultados muito mais próximos da realidade da área de estudo.

A existência de um núcleo, mais ou menos próspero, na região espanhola adjacente à portuguesa, daria maior solidez à viabilidade da população da zona centro do nosso país. Contudo, a forte possibilidade de a população de Salamanca se encontrar numa situação semelhante, de regressão, portanto, reduz ainda mais as perspectivas de recuperação dos efectivos e da área de distribuição de outrora. Os inquéritos por nós realizados na região espanhola de fronteira pretendiam verificar a existência da população de lobo ibérico que trabalhos anteriores tinham detectado na província de Salamanca (Blanco et al. 1990, Cuesta et al. 1990). Os dados que foi possível obter na execução do nosso estudo parecem indicar um grau considerável de isolamento entre as duas populações e vêm levantar algumas dúvidas sobre o estado do núcleo salamanquense. Estando o lobo na região meridional fronteiriça de Espanha fortemente ameaçado, terão, necessariamente, de ser os núcleos portugueses a sul do rio Douro a ganhar consistência, recuperando antigas áreas de distribuição.

De acordo com os resultados alcançados por Petrucci-Fonseca et al. (1995) a sul do rio Douro existem três zonas consideradas como prioritárias para a conservação do lobo, sendo a mais importante delas a que se situa próximo da Serra da Malcata -Sabugal. No que toca à adequação do habitat para o lobo, toda a região fronteiriça do distrito da Guarda apresenta o mesmo nível para o modelo de HSI (“Habitat Suitability Index”) desenvolvido, e que pode ser considerado bastante bom, já que é semelhante à zona de Vila Real onde ainda hoje existe uma população saudável de lobos. De acordo com o modelo estruturado por Bessa-Gomes (1996), a região fronteiriça é classificada como Boa.

A área de ocorrência do lobo na região em estudo tem vindo a diminuir consideravelmente em períodos de tempo bastante reduzidos do ponto de vista biológico, como poderá ser percebido pela leitura do mapa atrás apresentado (Figura 2). A situação dos dois núcleos fronteiriços parece estar muito perto da extinção. Para além de todas as possíveis causas que estarão na base do progressivo

desaparecimento do lobo, a dificuldade -ou mesmo ausência- de comunicação entre os três grupos familiares detectados -Trancoso, Figueira de Castelo Rodrigo e Sabugal- contribuirá para a concretização desse desaparecimento. Considerando a biologia do lobo, a dispersão entre as duas últimas unidades é ainda possível, mas não deverá, contudo, ser muito provável, uma vez que as passagens sob o IP5 são poucas e os animais ao atravessá-lo enfrentam um elevado risco de atropelamento.

Tendo sido feito um controlo, em 1996, dos muitos cães assilvestrados que vagueavam na região que medeia as alcateias de Trancoso e de Figueira de Castelo Rodrigo, renasce a esperança de que aí se possam fixar lobos juvenis dispersantes uma vez que está novamente disponível o espaço ecológico que lhes pertence. A distância entre as duas unidades familiares não é de modo nenhum intransponível, e a área mantém grande parte das características que em tempos não muito recuados -finais dos anos 80- a tornavam atractiva o suficiente para que lobos aí se fixassem, como atestam os valores relativamente elevados de adequabilidade do meio que lhe atribuem Petrucci-Fonseca et al. (1995) e Bessa-Gomes (1996). Poderemos estar perante uma situação em que não serão exclusivamente condicionantes ambientais que agora limitam o regresso do lobo à zona, mas por exemplo a capacidade de núcleos próximos fornecerem lobos em busca de novos territórios.

Há, como atrás referimos, fortes indícios que apontam para a ocorrência de reprodução na alcateia de Trancoso, em 1996, cuja saúde estará, por enquanto, assegurada pelo contacto com as restantes alcateias a ocidente dessa (Petrucci-Fonseca *et al.* 1995, Bessa-Gomes 1996, Petrucci-Fonseca et al. 1996). A desejável recolonização de uma região outrora tão afectada a este predador como o Parque Natural da Serra da Estrela poderá, portanto, ser efectivada mediante dispersão de indivíduos desse grupo familiar. Essa possibilidade não será tão remota como de início se poderia pensar já que existe, como mencionado, a hipótese de um juvenil ter dispersado até à Serra da Estrela. A ter realmente ocorrido tal dispersão, mais do que nunca serão justificadas acções locais de eliminação de algumas condições menos favoráveis ao estabelecimento do predador na zona, e a realização de acções práticas tendo em vista, por exemplo, a introdução de presas silvestres onde tal seja adequado e ecologicamente correcto.

A introdução de espécies-presa em locais chave, criteriosamente seleccionados, poderá ser uma das medidas de maior importância mesmo numa região que se encontre já numa situação tão crítica como é o caso de duas das alcateias estudadas. Havendo disponibilidade de presas silvestres e verdadeiro cuidado com os rebanhos, o lobo irá dividir a sua atenção pelos dois tipos de presas reduzindo, ou mesmo anulando, o seu impacto negativo sobre o gado. O incentivo à utilização de cães como meio de defesa dos rebanhos pode ter, igualmente, bons resultados,

para além de dar novo fôlego à recuperação das raças portuguesas de cães especificamente criados para essa função, como a raça de cães da Serra da Estrela.

A confusão entre cães assilvestrados ou vadios e lobos, aliada ao desconhecimento da possibilidade de pagamento de prejuízos por parte dos serviços oficiais -que verificámos ser demasiado frequente nos locais que visitámos- ou ao conhecimento do grande atraso que lhes está associado, é outro dos factores que contribui grandemente para o incremento da perseguição humana ao lobo. O controlo dos cães tem de ser efectivado de acordo com o disposto na lei -Lei nº 317/85 de 02 de Agosto-, devendo sempre que necessário proceder-se à captura e abate dos animais errantes sem dono. Concomitantemente deverá haver um controlo muito mais eficaz dos meios que permitem o abate ilegal de lobos. Os venenos, cuja utilização tem, infelizmente, grande tradição no nosso país, exercem uma acção verdadeiramente devastadora que afecta muitos outros elementos da fauna. A deficiente fiscalização das batidas, mesmo em Zonas de Caça Associativa, resulta numa grande facilidade em utilizá-las como cobertura ao abate de lobos.

Embora as estradas dificilmente isolem por completo populações prósperas, fragmentam-nas, e, tratando-se de núcleos em regressão, o resultado final poderá ser a sua extinção. Por essa razão, é fundamental que se tenha em atenção na construção de novas vias, em particular autoestradas e vias rápidas, não só a existência de passagens para a fauna, mas o seu traçado. Na zona fronteiriça têm sido frequentes os melhoramentos de vias e a construção de novas estradas, sendo o IP5 a que mais impacto terá tido nos últimos anos. A construção dessa via rápida findou em 1982-83, havendo várias quadrículas próximas em que a data de desaparecimento do lobo se situa no quinquénio seguinte -1985-89. Será talvez precipitado afirmar que por si só o IP5 tenha causado esse desaparecimento, mas não é de desdenhar a contribuição que decerto deu para o evento.

Se não fôr invertida a política dos Governos que têm estado no poder desde que foi criada a Lei nº 90/88 de 13 de Agosto de protecção ao lobo, todos os esforços de sensibilização terão sido em vão e o futuro do lobo em Portugal estará fortemente comprometido. É de aconselhar particular cautela na comunicação com as populações e na celeridade com que correm os processos de indemnização em zonas sensíveis como serão as que acolhem os três grupos estudados. Subscrevemos a opinião de Blanco et al. (1990) de que a demora na efectivação dos pagamentos não só não minimiza a revolta sentida contra o lobo, como ainda fomenta a indignação contra a Administração, indo contra os objectivos que à partida justificaram a sua implementação.

O lobo tem um Passado em Portugal, ainda está Presente e merece um Futuro!

AGRADECIMENTOS

Funcionários: das Bibliotecas Municipais de Gouveia, Guarda, Manteigas, Covilhã e Seia; do Arquivo Histórico de Seia; da Câmara Municipal de Manteigas; pastores, caçadores, guardas florestais e de zonas de caça, presidentes de zonas de caça; técnicos e funcionários do extinto IF, delegações de Trancoso, Manteigas e Guarda. Ao engenheiro Matos, director, e restantes funcionários do Parque Natural da Serra da Estrela. Ao director da Reserva Natural da Serra da Malcata e aos guardas desta área protegida. À Ana Sofia Alexandre pelo auxílio e acompanhamento no trabalho de campo. Ao Pedro Mateus pela colaboração no campo e dedicada revisão do texto.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, F. J. (1995). *Aspectos da Distribuição e Ecologia do Lobo no Noroeste de Portugal. O caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês*. Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção da Licenciatura em Recursos Faunísticos e Ambiente. Departamento de Zoologia e Antropologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. 51pp.
- AMARAL, A. M. (1970). Os pastores da Serra da Estrela – etnografia, foro, privilégios, transumância. *Separata da revista Beira Alta*. Viseu. 44pp.
- AUGUSTO, J. (1987). *O cão da Serra da Estrela*. Porto. 123pp.
- BESSA-GOMES, C. (1996). *Contribuição para o Estudo da Distribuição do Lobo em Portugal: Caracterização da Estrutura Espacial da População no Primeiro Quinquénio da Década de 90 e Análise da Adequação do Habitat*. Relatório de Estágio para a obtenção da Licenciatura em Biologia Aplicada aos Recursos Animais. Departamento de Zoologia e Antropologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. 42 pp.
- BLANCO, J. C., L. CUESTA E S. REIG (1990). El Lobo en España: una vision global. Pp. 69-94. In: BLANCO, J. C., L. CUESTA Y S. REIG (eds.). *El Lobo (Canis lupus) en España. Situación, problemática y apuntes sur su ecología*. ICONA, Colección Técnica. 118 pp.
- CUESTA, L., J. C. BLANCO, S. REIG, L. M. BARRIENTOS, J. SEIJAS, L. BARRIOS E R. GRANDE DEL BRIO (1990). El lobo en Castilla-Léon. Pp. 45-56. In: BLANCO, J. C., L. CUESTA Y S. REIG (eds.). *El Lobo (Canis lupus) en España. Situación, problemática y apuntes sur su ecología*. ICONA, Colección Técnica. 118 pp.
- FLOWER, E. (1971). *Lobos em Portugal (1933-1957)*. Estudos e Divulgação Técnica. Grupo A. Secção de Zoologia Florestal e Cinegética. Secretaria de Estado da Agricultura. Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas. Lisboa. 62 pp.
- FULLER, T. K. E B. A. SAMPSON (1988). Evaluation of a Simulated Howling Survey for Wolves. *Journal Wildlife Management*, 52 (1): 60-63.
- LYLE, R. (1988). *The wolf in Portugal*. 11 pp.
- MAGALHÃES, C. M. (1975). Aspectos do lobo (*Canis lupus signatus* Cabrera, 1907) em Portugal. *XII Congresso da União Intrenacional dos Biologistas da Caça*. Tema VII. Lisboa. 12 pp.
- MOREIRA, L. M. (1992). *Contribuição para o Estudo da Ecologia do Lobo (Canis lupus sigantus Cabrera, 1907) no Parque Natural de Montesinho*. Relatório de Estágio para a obtenção da Licenciatura em Recursos Faunísticos e Ambiente. Faculdade de Ciências de Lisboa. Lisboa. 175 pp.
- PETRUCCI-FONSECA, F. (1990). *O Lobo (Canis lupus signatus Cabrera, 1907) em Portugal. Problemática da sua Conservação*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa para a obtenção do grau de Doutor. Lisboa. 392 pp.

- PETRUCCI-FONSECA, F., F. ÁLVARES E C. BESSA-GOMES (1995). *Áreas Prioritárias para a Conservação do Lobo em Portugal*. Relatório Técnico (Programa LIFE, ICN). Fundação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. 39 pp.
- PETRUCCI-FONSECA, F., A. S. ALEXANDRE, F. ÁLVARES, C. BESSA-GOMES, A. T. CÂNDIDO, R. CARREIRA E S. RIBEIRO (1996). *Conservação do Lobo em Portugal*. Relatório de Progresso III (Programa LIFE). Grupo Lobo/ICN. Lisboa. 32 pp.
- RIBEIRO, S. (1996). *A Problemática dos Cães Vadios na Conservação do Lobo. Estudo da Situação dos Cães Vadios em Portugal e Caracterização do Comportamento Predatório do Cão e do Lobo*. Relatório de Estágio para a obtenção da Licenciatura em Biologia Aplicada aos Recursos Animais. Departamento de Zoologia e Antropologia. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Lisboa. 56 pp.
- SNPRCN (1990). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Vol. I. Lisboa. 219 pp.